

REVISTA DE
HISTÓRIA
DAS IDEIAS



A GUERRA

VOLUME 30, 2009

INSTITUTO DE HISTÓRIA E TEORIA DAS IDEIAS
FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

PREFÁCIO

A indicação de "A Guerra" como tema para o número 30 da *Revista de Historia das Ideias* foi uma escolha natural. Durante muitos anos esmagada pelos ventos da *Nouvelle Histoire*, injustamente reduzida a uma *petite histoire* das grandes batalhas do mundo ocidental, a verdade é que, nas últimas três décadas, a história militar conheceu um *boom* extraordinário em todo o planeta. Historiadores e investigadores profissionais entregaram-se de corpo inteiro à descoberta de um dos continentes mais plurifacetados e multidisciplinares da História, realizando pesquisas sobre áreas temáticas que combinam harmoniosamente a arqueologia ou a história da arte (arquitetura militar, armamento, campos de batalha) com a história social (recrutamento militar, função da guerra como factor de redistribuição da riqueza ou de reordenamento social), a história das mentalidades (coragem, medo, devoções, superstições), a história da cultura (tratados militares, representações da guerra na literatura e nas artes), a história das técnicas e, claro está, com as disciplinas clássicas dos estudos militares: a estratégia, a táctica e a logística. Quem hoje trabalha em história militar nunca se cansa, nunca chega ao fim da linha, tem sempre novos mundos para descobrir e novas pontes para lançar, rumo a diferentes desafios em territórios igualmente fascinantes e complementares.

O repto do Director da *Revista de História das Ideias*, Professor Fernando Catroga, para afectar o tema "A Guerra" ao número trinta (cifra redonda e mágica) de uma publicação já tão prestigiada nos meios científicos nacionais e internacionais, meteu-nos em brios. E desse desejo de corresponder à gentileza do convite e à própria relevância de que o tema

actualmente desfruta no panorama da historiografia mundial levou-nos a fazer, desde cedo, algumas opções de fundo bastante ousadas:

i) o volume teria de abordar a temática da guerra desde a Antiguidade até aos nossos dias, cobrindo um arco cronológico de mais de dois mil anos;

ii) os artigos (com inclusão de textos de carácter panorâmico que permitissem consolidar a função pedagógica que a revista também cumpre no meio universitário) deveriam abordar as mais variadas temáticas, incluindo aquelas que não aparecem tradicionalmente associadas à etiqueta "história militar", mas cuja afinidade e relevância é manifesta: a paz; os direitos humanos; a ordem política internacional; a diplomacia...

iii) como responsáveis directos pela redacção dos artigos convidar-se-ia, dentro de cada época histórica (Antiguidade, Idade Média, Época Moderna, Época Contemporânea) os melhores investigadores a nível nacional e internacional, sem olhar a idades, a escolas ou a nacionalidades;

iv) definir-se-ia um limite rigoroso de extensão dos textos, de modo a assegurar que o resultado final pudesse ser um volume não demasiado pesado mas ainda assim diversificado e rico, tanto nos temas em debate como na geografia considerada;

v) os textos seriam encomendados com grande antecedência de modo a permitir aos investigadores a produção de artigos originais, pensados para o volume em causa, e tomando igualmente possível que cada um dos convidados conhecesse antecipadamente os temas das contribuições de todos os seus parceiros de projecto.

O resultado final desta estratégia, que temos o gosto de aqui apresentar, não poderia dar-nos maior satisfação. Com efeito, a *Revista de História das Ideias* comemora a publicação do seu trigésimo número com um volume que comporta nada menos do que 31 artigos, completados por uma entrevista - a um dos mais destacados investigadores mundiais da história militar antiga, recentemente traduzido para português. Estas 32 peças envolveram a colaboração de 36 autores, de uma dezena de nacionalidades diferentes (Portugal, Espanha, Itália, França, Bélgica,

Dinamarca, Inglaterra, País de Gales, Brasil e Estados Unidos da América), escrevendo em quatro idiomas distintos (português, espanhol, francês e inglês). O período cronológico coberto por estes textos começa na arte da guerra helenística (Batalha do rio Hidaspe, entre o rei indiano Porus e Alexandre Magno, ferida em 326 a.C.) e só termina nas práticas militares e políticas dos dias de hoje (ou seja, estão aqui considerados 24 séculos de História). Ao longo de todo este percurso, são abordados temas tão ricos e tão distintos quanto:

i) **Antiguidade:** o uso de elefantes de guerra por Macedônios, Cartagineses e Romanos; a figura de Júlio César (como político e como um dos maiores generais de todos os tempos); o salário dos soldados romanos (um aspecto crucial numa máquina de guerra que consumia cerca de 90% do orçamento anual do respectivo Estado); as campanhas de Septímio Severo (um dos imperadores romanos que introduziu reformas mais profundas no seio do exército) junto dos Partos (que se contavam entre os inimigos mais aguerridos de Roma); a evolução da cavalaria (uma arma hoje em nítida fase de reavaliação) entre o Alto e o Baixo-Império romanos; e a produção de tratados militares em Bizâncio, entre o século V (queda do Império Romano do Ocidente) e o século XI (início do declínio do Império Bizantino);

ii) **Idade Média:** a recepção do mais importante tratado militar da Antiguidade (o *De Re Militari*, ou *Epitoma Rei Militaris*, de Flávio Vegécio Renato, livro de cabeceira de homens tão posteriores quanto Maquiavel, Maurício de Nassau, Guilherme Adolfo, Napoleão ou Clausewitz) ao longo dos dez séculos do período medieval (sécs. V-XV); a influência (hoje tão subvalorizada, embora muitas vezes decisiva) da temeridade e da bravura voluntarista no funcionamento dos modelos táticos cavaleirescos; as formas de pensar e de justificar a guerra na Península Ibérica, tanto entre cristãos como entre muçulmanos, no período dourado da *Reconquista*; a revisão do consagrado paradigma (tão influenciado pelas narrativas das Cruzadas) da superioridade da cavalaria na guerra praticada no Ocidente europeu entre 1000 e 1300; a precocidade da Escandinávia medieval (Dinamarca à cabeça) em matéria de construção de grandes máquinas de cerco, de castelos poderosos e de navios de grande porte; a imagem do "Inglês" e da Inglaterra no imaginário dos Franceses contemporâneos da Guerra dos Cem Anos; a originalidade vitoriosa que permitiu a exércitos não profissionais derrotar um inimigo tão poderoso e aparentemente tão invencível quanto

o sultão dos Otomanos, Mehmed II, nos cercos de Belgrado (1456) e de Rodes (1480); e o colorido quotidiano da guerra praticada pelos Portugueses na costa ocidental africana, à luz da "Crónica dos Feitos da Guiñe" de Gomes Eanes de Zurara.

iii) **Época Moderna:** os comportamentos éticos subjacentes às práticas guerreiras em que os Portugueses se envolveram, um pouco por todo o Mundo, ao longo do séc. XVI; os requisitos necessários à atribuição, a um determinado País, do estatuto de "potência naval" - e como o Portugal moderno caberá (ou não) nessa categoria; a instalação, pelos Portugueses e a partir de Vasco da Gama, de um dispositivo político-militar no índico capaz de lhes garantir o almejado monopólio do comércio de especiarias entre o Oriente e a Europa; o espectáculo da guerra na Europa do séc. XVII (contexto político, jogos de poder, estratégias militares, inovações táticas e modificações no sistema tradicional de recrutamento); a Guerra da Restauração, vista aqui (pela primeira vez) como a "Primeira Guerra Global Portuguesa", travada simultaneamente em Portugal, no Brasil, em África e na Ásia; o discurso dos procuradores do Povo nas cortes portuguesas de 1668 e a sua oposição cerrada à constituição de exércitos permanentes, cuja intervenção se pressentia ir muito além da salvaguarda da defesa nacional em contextos de guerra; os sofisticados planos de engenharia militar concebidos para a defesa da Bahia no extremo final do séc. XVII, no quadro do sistema defensivo de Salvador; e os grandes momentos da história da Humanidade que terão sido vistos, pelos autores dos sécs. XVIII e XIX, como correspondendo a verdadeiras "revoluções militares", desde os carros de combate da Antiguidade até às balas anestésicas e os torpedos aéreos modernos.

iv) **Época Contemporânea:** o envolvimento português nos grandes conflitos armados do séc. XX - uma visão panorâmica (desde a Grande Guerra de 1914-1918 até ao período posterior à nossa integração na União Europeia); uma leitura político-militar abrangente da Guerra Colonial portuguesa; um olhar dirigido à peculiar situação militar na frente leste de Angola entre 1966 e 1974; o ambiente internacional e a explosão da Grande Guerra, na sequência do atentado que, em Junho de 1914, vitimou o arquiduque Francisco Fernando da Áustria, em Serajevo; o esforço europeu de construção e consolidação da paz: avanços e retrocessos nos finais do séc. XIX e inícios do séc. XX (com sementes importantes na ordem política internacional contemporânea); a disputa dos recursos hídricos no Médio Oriente e sua influência

relevante (mas muito pouco conhecida) no conflito israelo-palestiniano; o novo e mais abrangente sentido do discurso humanitarista no contexto político, económico e institucional do séc. XXI; a emergência das empresas privadas de fazer a guerra em resultado da sofisticação tecnológica da arte militar - consequências morais e humanitárias desta evolução; o conceito de "Revolução nos Assuntos Militares", as suas principais vertentes (tecnológica, organizacional, conceptual e doutrinária) e as suas implicações estratégicas mais recentes; e a política de defesa de Portugal nos dias de hoje, face aos desafios internacionais e à (re)configuração da Nato e da União Europeia.

Como se vê, a pluralidade temática é enorme e a ela corresponde uma igual diversidade geográfica: o que acontece nas páginas que se vão seguir decorre em Portugal e no Brasil, em África, na Europa central e mediterrânica, na Península Ibérica, nas Ilhas Britânicas, na Escandinávia, nos Balcãs, no Bósforo e na Ásia Menor, no Médio Oriente, no Índico... Cronologicamente, os textos distribuem-se de forma harmoniosa entre a Antiguidade (cinco artigos e uma entrevista), a Idade Média (oito textos), a Época Moderna (oito artigos) e a Época Contemporânea (dez textos, uma supremacia que corresponde à orientação tradicional da revista e à própria composição do Instituto que a promove). Os textos que contam estas histórias são alimentados por uma imensa variedade de fontes (de arquivo, literárias, narrativas em sentido estrito, iconográficas, arqueológicas) e por uma bibliografia muitíssimo actualizada mas onde existe também espaço para a revisitação de obras clássicas como a de Alfred Thayer Mahan sobre a influência do poder naval na História entre 1660 e 1783.

Todos os autores são especialistas consagrados nas suas áreas de pesquisa, sendo a maioria deles investigadores de história militar, alguns (como Yann Le Bohec, Philippe Contamine, Christopher Allmand ou Claude Gaier) os grandes responsáveis pela reabilitação deste precioso segmento dos estudos históricos nas últimas três décadas, outros (como Clifford Rogers, Kelly DeVries ou John France) nomes de primeiríssima linha no plano mundial com responsabilidades directas em publicações de referência (como o *Journal of Medieval Military History*), outros ainda (como Adrian Goldsworthy, Salvatore Cosentino, Francisco Garcia Fitz, Kurt Villads Jensen ou María Jesús Merinero) expoentes de uma *nouvelle vague* que assegurará decerto um futuro radioso para a história

político-militar mundial. E se apenas citei os colegas estrangeiros que se envolveram de alma e coração neste projecto é porque sei que os historiadores portugueses e brasileiros (esses, se me permitem, não quero tratá-los por estrangeiros!) que colaboram neste volume foram, todos eles, primeiras escolhas nossas e nem carecem de apresentação prévia. Muitos deles (a começar por um dos respectivos directores: Nuno Severiano Teixeira) estiveram, aliás, envolvidos em projectos editoriais de tanto sucesso quanto a *Nova História Militar de Portugal* (publicada pelo Círculo de Leitores em 2003-2004 e que constituiu um autêntico 'Virar de página' na historiografia militar portuguesa, que tanto deve ao General Manuel Themudo Barata), enquanto outros estão incluídos em equipas de investigação especializadas que se dedicam a temas de história militar, segurança e defesa, ou leccionam disciplinas destas áreas em universidades ou em institutos militares superiores. Alguns têm, além disso, a experiência concreta, vivida, dos cenários da guerra, o que confere aos seus textos uma carga testemunhal muito forte e que merece ser realçada.

Foi toda esta riqueza que permitiu que o coordenador deste volume se sentisse suficientemente à vontade para nele incluir temáticas como a da guerra naval (muitas vezes injustamente deixada de fora nas grandes publicações de história militar, mesmo portuguesa) e para não recear lançar o desafio para um olhar cruzado (e que se antevia contraditório) acerca da Guerra Colonial, um tema da história recente de Portugal ainda tão sensível na memória de todos nós.

A partir daqui, o leitor será o único juiz dos méritos deste volume. Esperemos que tenha tanto prazer ao consultá-lo quanto nós tivemos ao concebê-lo com o Prof. Fernando Catroga e ao acompanhá-lo em todos os seus detalhes, ao longo de um ano, com a inestimável colaboração da Dra. Maria do Rosário Azenha e do Sr. Pedro Bandeira. O mais carinhosamente que todos pudemos, porque a isso nos obrigavam o prestígio da *Revista de História das Ideias* e os pergaminhos da Universidade de Coimbra.

João Gouveia Monteiro